

DOS POSSEIROS AOS MIGRANTES: FORMAÇÃO TERRITORIAL E ECONÔMICA DO MUNICÍPIO DE JATAÍ/GO

Alécio Perini Martins
Mestre em Geografia – UFG/Câmpus Jataí
alecioperini@yahoo.com.br

RESUMO

O município de Jataí, localizado no sudoeste do estado de Goiás representa, atualmente, um dos maiores produtores de soja e milho do Brasil. Diversas ações de crédito agrícola implementadas pelo POLOCENTRO (Programa de Desenvolvimento dos Cerrados) nas décadas de 1970/1980 levaram o município a essa posição de destaque na economia nacional. Apesar do rápido crescimento econômico, Jataí, até a década de 1950, era um município relativamente isolado dos grandes centros econômicos do país, com economia fortemente baseada na pecuária extensiva, atividade desenvolvida desde o século XIX, quando extensas áreas do sudoeste foram apossadas por proprietários de terra oriundos dos estados de Minas Gerais e São Paulo. Neste texto objetiva-se abordar, brevemente, as principais transformações territoriais, socioeconômicas e políticas pelas quais o município passou a partir do romance histórico "Pioneiros" de Basileu Toledo França e outros referenciais bibliográficos sobre o território jataiense, inclusive, com a elaboração de uma cartografia da formação do território a partir desta bibliografia.

Palavras-chave: Formação territorial. Sudoeste goiano. Cartografia.

FROM PEASANT SETTLERS TO MIGRANTS: TERRITORIAL AND ECONOMICAL FORMATION OF COUNTY JATAÍ / GO

ABSTRACT

Jataí is located in southwest of Goiás' state, currently it represents one of the biggest producers of soybean and corn in Brazil. Agriculture credits that were implemented by POLOCENTRO (Cerrado's Development Program) in the 70's and 80's took Jataí to an important position in Brazil's economy. Although Jataí was growing very fast economically until the 50's the town was almost isolated from the big economic's centers in the country. Its economy is based on cattle breeding, activity developed in the XIX century when extensive areas from the southwest were appropriated by land owners from the states of Minas Gerais and São Paulo. In this paper it is aimed to approach briefly the majors territorial, socioeconomic and political issues which the town has been through based on the novel by Basileu Toledo França "Pioneers" and other bibliographical references about Jataí and still the elaboration of a territorial formation's cartography based on this bibliography.

Key words: Territorial Formation. Southwest Goiás. Cartography.

INTRODUÇÃO

Segundo maior domínio morfoclimático do Brasil, o cerrado, que cobria uma área de mais de 2 milhões de Km² ocupando partes das regiões sudeste, centro-oeste, norte e nordeste, tornou-se o principal foco dos programas de desenvolvimento do governo federal a partir da década de 1970, com a criação do Centro de Pesquisa Agropecuária do Cerrado (CPAC) da

Recebido em 19/08/2013
Aprovado para publicação em 26/02/2014

EMBRAPA, desenvolvendo estudos para a correção dos solos, entre outros, atendendo às necessidades particulares de cada lavoura a ser cultivada na região (PESSÔA, 1988).

Vários fatores colaboraram para que, a partir da metade do século XX, o cerrado fosse tão visado por governo e proprietários rurais, entre eles, a topografia – plana a suavemente ondulada –, a abundância em fontes minerais e em recursos hídricos, além da proximidade com as maiores regiões consumidoras do centro-sul do país.

Especificamente na região Sudoeste de Goiás, o principal agente transformador do meio rural foi a tecnologia, representada principalmente pelas modernas técnicas de manejo e controle da produção, possibilitando a obtenção de mais de uma safra por ano, com altos índices de produtividade.

Mas o cenário encontrado na região até a década de 1950 era bem diferente, com modos de vida e produção muito semelhantes aos do século XIX, quando o município de Jataí foi fundado. A construção e pavimentação da BR 364 ligando o sudeste ao norte do Brasil e da BR 060 ligando a região à nova capital federal e o investimento do Governo Federal em programas de ocupação e produção agropecuária nas regiões norte e centro-oeste colocaram Jataí e o Sudoeste de Goiás no mapa econômico do Brasil.

Os crescentes investimentos transformaram gradativamente a paisagem: áreas de cerrado e mata perdem espaço para novas pastagens; áreas de cerrado e antigas pastagens, gradativamente, são abertas para o plantio de arroz, soja, milho e, recentemente, cana-de-açúcar. O município de Jataí torna-se um dos maiores produtores de grãos do Estado de Goiás.

Considerando esse rápido desenvolvimento e, frente à escassez de material bibliográfico e cartográfico de referência sobre a formação do território jataiense, iniciou-se uma pesquisa minuciosa em documentos históricos para compreender e cartografar essa dinâmica territorial ocorrida entre o final do século XIX e as décadas de 1960/70 com a transformação dos meios de produção.

Nesse sentido, o presente estudo busca, a partir de documentos históricos e, especificamente, do romance histórico “Os Pioneiros” do romancista jataiense Basileu Toledo França, abordar brevemente as principais transformações territoriais, socioeconômicas e políticas pelas quais o município passou entre os anos de 1836 e 1970 e, desse período, até os dias atuais.

O MUNICÍPIO DE JATAÍ

Localizado na região Sudoeste de Goiás, o município de Jataí, cuja área é de aproximadamente 7.600 Km², apresenta população estimada em 89.000 habitantes, sendo considerado um dos maiores produtores de grãos do Estado de Goiás, segundo dados do IBGE, 2010 (Mapa 01).

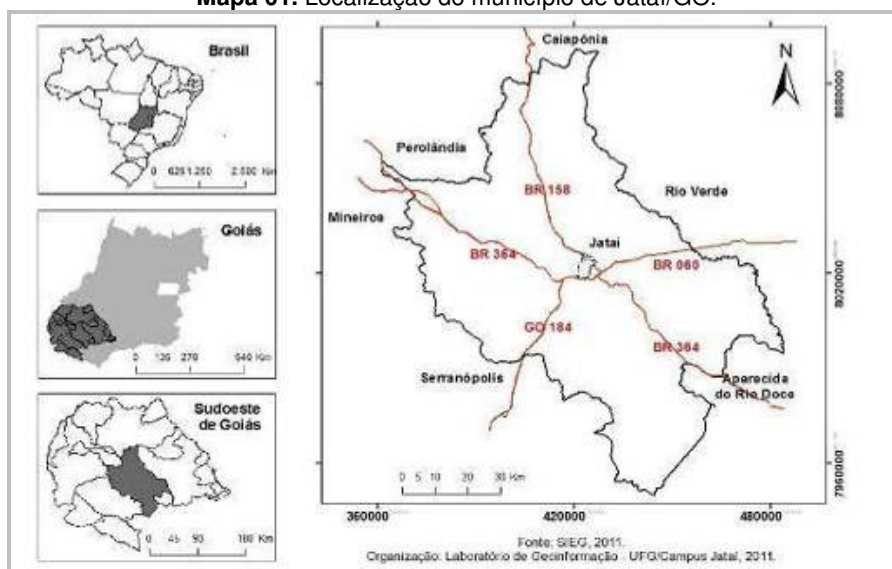
Situado em área de relevo plano/ suavemente ondulado, no reverso da cuesta do Caiapó, com solos profundos, bem drenados e abundância em cursos d'água, o município de Jataí acabou concentrando, juntamente com os municípios de Rio Verde, Santa Helena de Goiás e Chapadão do Céu, a maior parte dos investimentos em tecnologia para produção de grãos e, recentemente, cana-de-açúcar, conforme a tabela 01.

Tabela 01. Principais cultivos agrícolas na cidade de Jataí/GO - 2008-2011 (produção em toneladas)

Cultivo	2008	2009	2010	2011
Cana-de-açúcar	140.000	980.000	1.710.000	2.340.000
Feijão	8.340	12.120	12.120	20.014
Milho 1a safra	156.000	117.000	90.000	120.000
Milho 2a safra	432.000	420.000	594.000	798.000
Milho total	588.000	537.000	684.000	918.000
Soja	653.400	624.000	642.600	864.000
Sorgo	132.000	72.000	45.000	105.000

Fonte: SEPLAN (2011)

Mapa 01. Localização do município de Jataí/GO.



Fonte: Sistema Estadual de Estatística e Informações Geográficas de Goiás – SIEG/2011.

Como materiais de pesquisa, além do referencial bibliográfico, foram utilizadas ferramentas de Geoprocessamento para espacializar as informações e permitir uma melhor visualização da dinâmica de ocupação e transformação do espaço. A principal delas foi o software ArcGis10®, alimentado por bases cartográficas disponibilizadas pelo Sistema Estadual de Estatísticas e Informações Geográficas de Goiás (SIEG).

O “DESBRAVAMENTO” DO SERTÃO

Embora seja possível observar em alguns documentos históricos, que o território goiano tenha sido percorrido por bandeirantes desde o início da colonização, foi apenas no século XVIII que a ocupação, tanto do território onde hoje se encontra o Estado de Goiás, como toda a porção oeste do Brasil aconteceu efetivamente, impulsionado pela descoberta de minas de ouro. Conforme Estevam (1998), provavelmente, este ouro foi descoberto em decorrência da Guerra do Emboabas. De acordo com o autor,

(...) O violento conflito acarretou significativas conseqüências: por um lado, inspirou a procura de novos assentamentos por parte dos sobreviventes derrotados, que consideravam injusta a invasão de suas minas pelos reinos (emboabas); por outro, Portugal foi obrigado a intervir promovendo alterações político-administrativas e buscando novas acomodações para os mineiros expulsos. (ESTEVAM, 1998, p.36).

Melo (2003) argumenta que, neste período, instalaram-se vários núcleos urbanos em Goiás, entre eles, a atual cidade de Goiás (criada em 1727 com o nome de Arraial de Nossa Senhora de Sant’Ana). No século seguinte, já com a criação do distrito de Dores do Rio Verde, era à cidade de Goiás que este estava subordinado até sua emancipação em 1862. Além da cidade de Goiás, Cuiabá também é citada em documentos históricos que retratam o período aurífero no oeste do Brasil, período em que a região onde hoje se encontra o sudoeste goiano permanecia ainda inabitada pelos brancos.

Diante do esgotamento da mineração e da conseqüente “ruralização demográfica”, a estrutura produtiva da agropecuária tradicional tornou-se, praticamente, o único caminho da sustentação econômica para Goiás até as primeiras décadas do século XX. Essa atividade permitiu a permanência das trocas mercantis de Goiás com outras regiões, possibilitou uma vida econômica, mesmo que incipiente, bem como a continuidade do povoamento (MELO, 2003, p.24).

Na obra “Pioneiros”, romance histórico do jataiense Basileu Toledo França o ano de 1836 (provavelmente o mês de setembro) é marcado como o início da ocupação da região sudoeste, especialmente do município de Jataí, com a chegada dos primeiros “desbravadores”, o Capitão Francisco Joaquim Vilela, seu filho José Manuel Vilela e dois peões, provenientes de Espírito Santo dos Coqueiros, município de Lavras do Funil, atualmente cidade de Coqueiral em Minas Gerais.

França (1995) descreve, com detalhes, a dura viagem do sul de Minas Gerais até o vale do Rio Claro, cruzando extensos chapadões, áreas de mata virgem e cursos d’água extensos e volumosos, como o Paranaíba, o Rio Verde e, enfim, o Rio Claro, cujo nome foi dado por Francisco Joaquim Vilela pelas características da água.

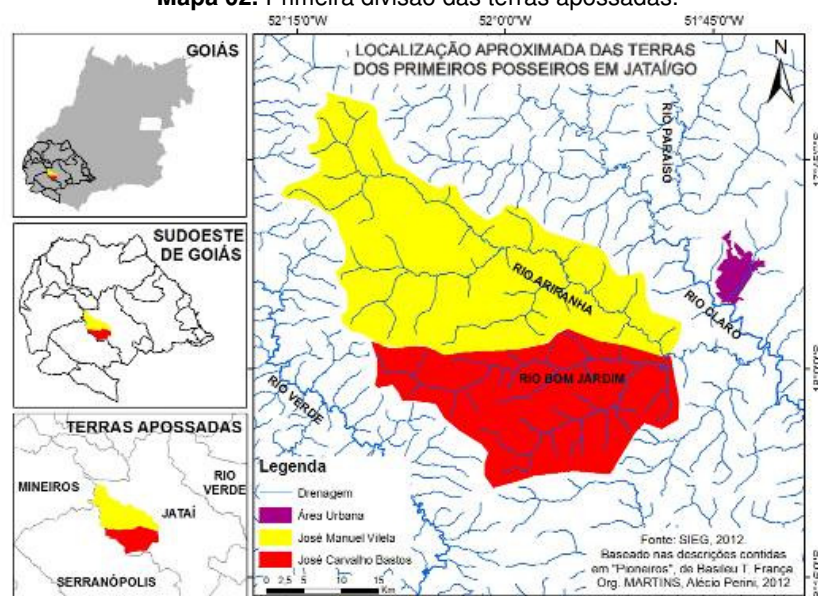
No ano de 1837, enquanto os Vilelas abriam áreas de mata para iniciar pequenas plantações de milho, áreas de pasto e abrigos, chega ao local José de Carvalho Bastos, que havia começado viagem com o mesmo objetivo: tomar posse de terras na região. Enquanto José Manuel Vilela era de origem mineira, chegando à região após percorrer o Triângulo Mineiro e o Sul de Goiás, José de Carvalho Bastos, natural da região de Franca, Estado de São Paulo, chegou à região passando por Santana do Paranaíba, hoje cidade de Paranaíba, no Mato Grosso do Sul. Ambos utilizaram córregos e rios da região para demarcar suas posses (mapa 02).

(...) Ali porém estava sendo resolvido assunto de vital importância para o futuro das duas famílias: os chefes acertaram de modo definitivo, simples e prático, que todas as terras banhadas por águas afluentes do Ariranha pertenceriam aos Vilelas e as percorridas por tributários do Bom Jardim seriam dos Carvalhos. Na topografia levemente ondulada do sudoeste, isto representava um espigão mestre de doze léguas*. Verdadeiro estado.

(...) Logo no ano seguinte, ao correr de 1838, os desbravadores fizeram uma viagem a Minas e de lá trouxeram em marcha lenta e penosa, pelo varadouro do Paranaíba, atravessando terras da futura Dores do Rio Verde, um gadinho minguido (...). Interessava-lhes de início a quantidade. Mais couro para os laços e arreios, sapatões e chinelas, catres e cintos, tacas e ajoujos, tiradeiras e toldas. Mais couro para mil aplicações. E com isto o gado tornava-se em breve o elemento consolidador da penetração, a principal fonte de riqueza do homem e sua absorvente, apaixonante atividade. Iniciava-se a civilização do couro no extremo sul de Goiás (FRANÇA, 1995 p. 71-72).

* Doze léguas são aproximadamente 72 Km.

Mapa 02. Primeira divisão das terras apossadas.



Fonte: Sistema Estadual de Estatística e Informações Geográficas de Goiás – SIEG/2012; Adaptado de França (1995).

De acordo com as informações contidas na obra de França (1995), considerando apenas as redes de drenagem dos Rios Ariranha e Bom Jardim, chega-se a uma área total apossada de 1.110 Km² (aproximadamente 15% do atual município de Jataí), sendo aproximadamente 690 Km² pertencente aos Vilelas e 420 Km² de posse dos Carvalho Bastos. Outros relatos no próprio livro apontam que estas terras poderiam se estender até a divisa com o estado de Mato Grosso, no rio Araguaia. Ainda no ano de 1938, os pioneiros retornam com suas respectivas esposas, escravos e mestiços, iniciando o povoamento do local.

Nesse primeiro momento, os pioneiros viviam privados dos elementos cotidianos mais comuns que havia nos seus lugares de origem. O açúcar, que já era parte da alimentação, por exemplo, não tinha como ser produzido ou comprado. O pouco que dispunham eram o que conseguiam trazer nas suas bagagens e era guardado para um momento especial. Porém, o açúcar não foi um grande problema, pois encontram um substituto imediato na farta produção natural das abelhas jataí, daí o nome da cidade. Diante de tanta terra e de pouca técnica, a força de trabalho humana foi o recurso buscado para construir infra-estrutura, fazer a terra produzir e o gado aumentar. (MELO, 2003, p. 26).

Dessa forma, observa-se que o isolamento da região impulsionou, até certo ponto, o seu desenvolvimento. Nos primeiros anos de ocupação, os “pioneiros” construíram em suas propriedades engenhos de açúcar e serra, monjolos, moinhos e toda uma estrutura que tornavam as propriedades autossuficientes. As sementes de arroz, fumo, milho, café, frutas e outras variedades indispensáveis foram trazidas de Minas Gerais, juntamente com o gado e escravos, que eram responsáveis pelo trabalho braçal nas fazendas (FRANÇA, 1995).

As propriedades deixam de ser basicamente de subsistência e passam a gerar maiores lucros aos pioneiros com a chegada de um personagem fundamental do sertão no século XIX – o boiadeiro – que comprava as tropas para revender em Minas Gerais, Cuiabá e no Paraguai, trazendo de volta espécies diferentes para cruzamento e melhoramento do gado. Neste momento, por volta de 1849, chega o terceiro personagem do livro de Basileu Toledo França à região de Jataí: Serafim José de Barros, boiadeiro natural de Ouro Preto (MG), que levava gado da região de Paracatu (MG) para Cuiabá (MT) e Paraguai. Em 1858, Serafim se casa com a filha de José Manuel Vilela e se estabelece na região, reforçando a atividade pecuária desenvolvida pelos pioneiros.

A partir do que encontramos nos relatórios históricos publicados, a figura do boiadeiro no sudoeste foi importante para a mercantilização desta área e para a promoção dos fluxos comerciais inter-regionais. O boiadeiro foi o ponto central no estabelecimento de relações comerciais do sudoeste goiano com Minas Gerais, São Paulo e Mato Grosso. Diante das dificuldades, em função da precariedade e mesmo da ausência de estradas interligando o interior de Goiás, e do povoamento incipiente, o boiadeiro foi mais um elemento integrador do sudoeste goiano com outras províncias do que com o interior da província. (MELO, 2003, p.28).

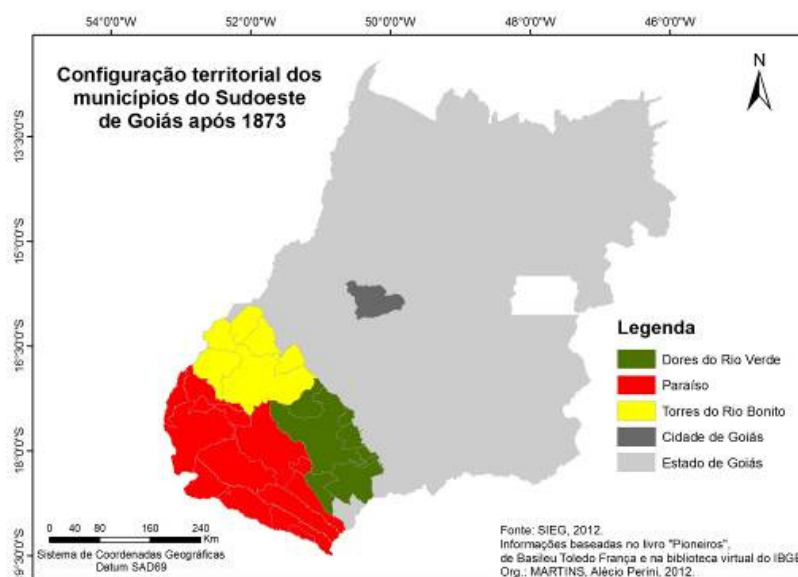
CARTOGRAFIA DA FORMAÇÃO TERRITORIAL DA VILA E DO MUNICÍPIO DE JATAÍ

Conforme o mapa 02, apresentado anteriormente, os primeiros posseiros da região onde hoje se localiza Jataí ocuparam uma larga extensão de terras entre os vales dos rios Verde e Claro. Inicialmente, o distrito de Paraíso (Jataí), o distrito de Dolores do Rio Verde, hoje cidade de Rio Verde e o distrito de Torres do Rio Bonito (Caiapônia) ocupavam área de aproximadamente 70.000 Km² (mapa 03), cerca de 20% da área atual do Estado de Goiás. França (1995) em “Pioneiros” menciona as vilas de Goiaz (atual cidade de Goiás), Cuiabá, Uberaba, Carmo de Morrinhos (hoje cidade de Prata, Minas Gerais) e Santana do Paranaíba (atual cidade de Paranaíba, Mato Grosso do Sul), como as áreas habitadas mais próximas a Jataí no início do século XIX, conforme mapa 04.

De acordo com o trajeto descrito por França (1995) desde a saída dos pioneiros da cidade de Coqueiral, em Minas Gerais até localidade próxima à cidade de Jataí, passando por onde se localiza o município de Prata (MG), acredita-se que tenham feito um percurso semelhante ao que, atualmente, corresponde à BR364, cruzando o Rio Paranaíba na altura da cidade de São Simão

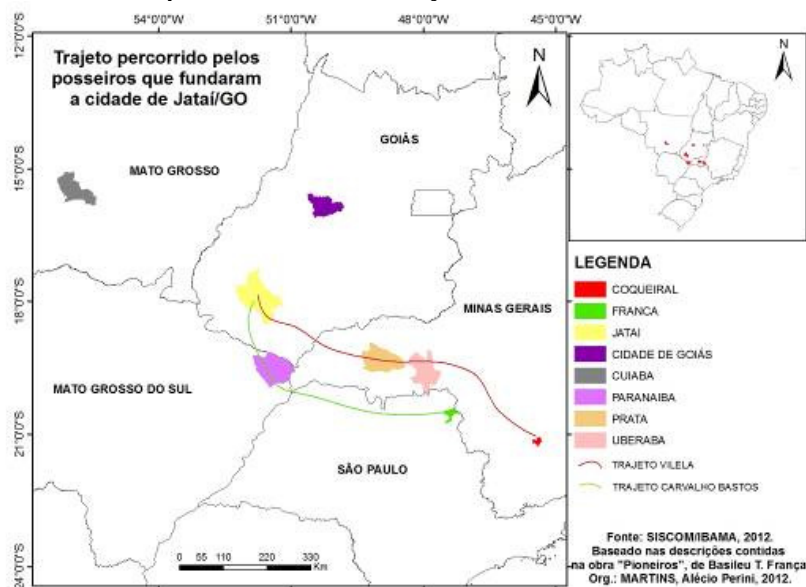
(GO), caminho muito utilizado por boiadeiros no final do século XIX e início do XX que ficou conhecido como São Paulo/Cuiabá.

Mapa 03. Configuração dos municípios do Sudoeste de Goiás, após 1873.



Fonte: Sistema Estadual de Estatística e Informações Geográficas de Goiás – SIEG/2012; Adaptado de França (1995).

Mapa 04. Caminhos da criação da cidade de Jataí/GO.



Fonte: SISCOM/IBAMA, 2012; Adaptado de França (1995).

Em 1854, Rio Verde é elevado à categoria de vila, desmembrando de Goiás, conhecido regionalmente como Dorés do Rio Verde e com dois distritos principais: Torres do Rio Bonito (hoje Caiapônia), criado em 1855 e Paraíso (hoje, Jataí), criado em 1864, segundo a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros do IBGE. Mas a história de Jataí começa 16 anos antes, quando o capitão Francisco Joaquim Vilela faz a “doação” de uma considerável área para a construção da Capela do Divino Espírito Santo do Paraíso, primeiro embrião que, mais tarde, viria a originar o Distrito de Paraíso e, em 1885, a cidade de Jataí, conforme relata França (1995, p. 98-99):

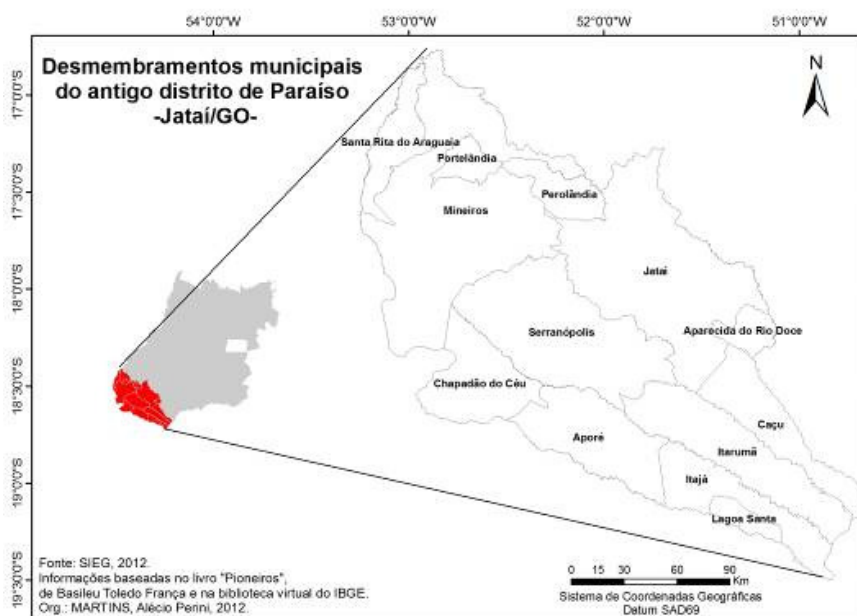
“Distrito de Rio Verde, cinco de agosto de mil oitocentos e cinquenta e seis _ O coletor Guimarães _ O escrivão Guimarães Júnior _ Dizemos nós abaixo

assinados, Francisco Joaquim Vilela e minha mulher d. Geneveva Maximina Vilela, que entre os mais bens que possuímos, com livre e geral administração, sem embaraço algum e bem assim uma parte de terras sitas no Sertão do Paranaíba, vertentes do Rio Claro, é nossa vontade doarmos para Patrimônio da Capela do Divino Espírito Santo do Paraíso, que se pretende erigir. O córrego denominado Jataí, encostado à minha fazenda do Bom Sucesso, sendo os limites desta doação: principiando da barra do dito córrego, pela parte de baixo, águas vertentes do dito córrego, até o alto, divisando do alto por diante com José da Rosa e seguindo pelo espigão mestre até o fim e seguindo pelo espigão águas vertentes do Jataí, divisando com a mesma fazenda do Bom Sucesso e seguindo por este abaixo até a sua origem, cujo acima declarado doamos. _ Como de fato doado temos para todo o sempre, ao Divino Espírito Santo do Paraíso, para o fim indicado, e não será contrariada nem por nós nem por nossos herdeiros, porque doamos muito de nossa livre vontade e comprometemos a todo o sempre a fazer esta doação firme e valiosa e a passar escritura pública se preciso for e pedimos às justiças nacionais darem a este título de doação o vigor e cumprimento, e por verdade do referido mandamos passar o presente por Samuel de Oliveira e Souza, ido por nós assinado em presença das testemunhas abaixo assinadas. Espírito Santo dos Coqueiros, 13 de maio de 1848. Francisco Joaquim Vilela e Geneveva Maximina Vilela. Testemunha que este fez e vi assinar (digo presente João Evangelista de Almeida) Testemunha que este vi e fez assinar _ Samuel de Oliveira e Souza. O capelão futuro do Espírito Santo do Paraíso, do ano de 1848 por diante _ O engenho, 18 de maio de 1848.

Estas terras, conforme descritas no documento relatado, correspondem hoje ao perímetro urbano de Jataí. A construção da capela começou, de fato, no ano de 1858, onde os moradores da redondeza se reuniam pela devoção ao santo, representando a identidade cultural e religiosa da população, que pode ser observada até os dias atuais com a maioria católica e a catedral do Divino.

Em 1882, cria-se o município de Paraíso, sendo instalada solenemente em 1885 a primeira câmara de vereadores, recebendo o nome definitivo de Jataí, tendo como presidente o Tenente Coronel José Manuel Vilela, o “pioneiro” (FRANÇA, 1995). Em 1895, já na primeira república, Jataí é elevada à categoria de cidade (Lei Estadual n.56). Conforme o mapa 05, ocupava uma área que atualmente corresponde 13 municípios: Jataí, Mineiros, Serranópolis, Perolândia, Portelândia, Santa Rita do Araguaia, Chapadão do Céu, Aporé, Aparecida do Rio Doce, Caçu, Itarumã, Itajá e Lagoa Santa.

Mapa 05. Municípios originados do antigo distrito de Paraíso.



Fonte: Sistema Estadual de Estatística e Informações Geográficas de Goiás – SIEG/2012; Adaptado de França (1995).

O OPORTUNISMO DA GUERRA DO PARAGUAI, CONFLITOS COM INDÍGENAS, ABOLIÇÃO DOS ESCRAVOS E PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA

1865. A notícia explodiu no sertão, de boca em boca, e os sertanejos ficaram de atalaia contra qualquer imprevisto. Todo o sudoeste, que levava os seus produtos para comercializar em Matogrosso e às vezes à própria terra de Francia, sentia – como nenhuma outra região distante da fronteira – a ameaça dos descendentes daqueles terríveis paiaçuás. (FRANÇA, 1995, p. 146).

A maior preocupação dos habitantes locais, em um primeiro momento, era manter os homens em idade militar longe dos olhos das tropas e recrutadores. Assim, José Manuel Vilela e José Carvalho Bastos reuniram filhos, escravos e agregados e enviaram para um acampamento na Serra do Rio Verdinho até que as tropas passassem e o perigo diminuísse. Em um segundo momento, os fazendeiros perceberam que a situação poderia gerar lucro, impulsionando atividades comerciais de gado e alimentos.

A partir de então, carregavam tropas e carros de tolda com o que as fazendas produziam e procuravam Três Córregos, acima da Serra do Baú onde se encontrava o exército brasileiro. Levavam carne enchumbrada para churrasco de espeto e passoca. Toucinho em grossas mantas empalhadas com folhas de bananeira. Cereais. Fumo. Açúcar. Rapaduras. E assim, graças a tal iniciativa e a tal coragem, a felicidade sorriu-lhes de maneira completa. Vendiam a bom preço a munição de boca e regressavam tocando manadas de bois tucuras, que apesar de fracos e ossudos, com pouco leite e menos carne, aumentaram grandemente os rebanhos vacuns do sudoeste.

Durou longo tempo o veio de ouro da guerra, em que um pedaço de tijolo doce, simples naco, era vendido a quinhentos réis e uma rês cuiabana custava apenas dez vezes mais. Por isso os pioneiros habituaram-se rapidamente à idéia da luta armada – coisa tão remota para eles como a existência de povos falando outras línguas – e melhor ainda com os lucros gordos desta contenda que dia a dia os beneficiava, tornando todos mais ricos e poderosos. Com muito gado e surrões cheios de moeda sonante.

A essa altura, resolveram legalizar as posses, consolidando o patrimônio arduamente conseguido através de lutas e sofrimento. Registraram as suas terras. (FRANÇA, 1995, p. 153-154)

O enriquecimento trazido pela guerra impulsionou também o desenvolvimento da vila, onde os fazendeiros construíram casarões, cemitério, pontos comerciais e a nova igreja matriz. Permitiu, também, que os fazendeiros investissem na educação dos filhos e na realização de grandes festas religiosas, tradicionais na região.

No decorrer dos anos do século XIX, aos poucos implantou-se, no sudoeste goiano, o município de Jataí e sua sede municipal, apesar das referências feitas de que a província de Goyaz vivia, nesse período, um estado geral de estagnação da população, da economia e do desenvolvimento urbano. (MELO, 2003, p. 31)

Além da guerra, os conflitos com indígenas também preocupavam os primeiros fazendeiros da região. Eram freqüentes os relatos de confrontos, muitas vezes trágicos, com índios “bororós”, como eram popularmente conhecidos os integrantes de tribos do tronco Macro-Je, encontrados no estado do Mato Grosso nas proximidades do Rio Araguaia. Os “bugres” adentravam o sudoeste de Goiás em busca de caça, sua principal atividade. França (1995) narra algumas passagens destes conflitos, apresentando os indígenas como selvagens e como um grande perigo ao desenvolvimento de Jataí.

A filha assusta-se quando a porta vai abaixo com estrondo. Índios de carantonha sinistra atiram-se às presas inermes, em vozeiro ininteligível que enche toda a casa de pavor. Bibiana tomba sobre o livro de rezas massacrada pelos bororos, que lhe rasgam as vestes e lhe tiram a criança, jogando-a para o ar e mordendo-a sobre gritos da inocente. Alguns vasculham os cômodos e apanham facas e machados. Outros carregam

sacos de mantimento, sal e açúcar da despensa, jogam o conteúdo no meio da cozinha e levam os tecidos. Em poucos minutos finda-se a tragédia, rápida e violenta como a passagem de um tufão. A quietude tumular da fazenda torna-se mais triste e pungente com o cocorico musical do galo no terreiro. Bina ergue-se atrás da mala de couro, onde esteve emborcada a sufocar a dor e arrasta-se pela penumbra da casa com a flecha presa às carnes. Debaixo de lágrimas e gemidos. Ainda continua no ar a exalação fétida dos bugres, que não devem andar longe. (...) (FRANÇA, 1995, p. 166).

O autor ainda relata o fato de fazendeiros da região não domesticarem os índios para o trabalho na fazenda, alegando a preguiça e a rebeldia dos “bugres”. Da mesma forma, em muitas passagens de “Pioneiros” os negros escravos são descritos como simples peças de trabalho na dinâmica produtiva da fazenda, com alguns elogios dos patrões a poucos negros que mais se destacavam, especialmente na serraria e na construção de carros de boi.

Em 1888, chega a Jataí a notícia de que a Princesa Isabel havia libertado os escravos, provavelmente com grande atraso em relação ao mês de maio devido ao isolamento da região. A novidade foi recebida com tranqüilidade por José Carvalho Bastos, mas não pelos outros pioneiros, que temiam o crescimento da criminalidade na vila, apressando a construção da cadeia pública.

(...) Vilela abriu a correspondência oficial e foi à procura de Carvalho Bastos.
_ Compadre, a sua majestade a princesa dona Isabel deu carta de alforria pra tudo quanto é escravo.
_ Já esperava. Respondeu-lhe o paulista tranquilamente.
_ Mode ser frabci, ouvi falar mas num acreditava. Achava impossível acontecê. Como é que faz qyen tem cafezal, gado, engenho e plantação, como nós? Me diz. E a fazenderama de Minas, Rio e S. Paulo? Vai ser um pega-prá-capá. Vosmecê sabe? Acho que pode até arrebentar uma revolução.
(...)
_ Serafim, a gente carece terminá a cadeia o quanto antes. (...)
_ A princesa dona Isabel deu liberdade pros negro e o xadrez vai ser pequeno prá botá os vadio.
_ Nem me diga, essa mulher tá regulando não: o bicho só sabe trabalhar debaixo do chicote de branco! Tem que mudar a lei, não-dá-certo (...). (FRANÇA, 1995, p.219-220)

Enquanto todos os escravos de José Manuel Vilela e Serafim de Barros quiseram mudar de vida, os de José Carvalho Bastos pediram-lhe para continuar servindo a ele. França (1995) narra também um fato não confirmado de que José Manuel Vilela teria servido um banquete envenenado aos seus ex-cativos, como presente de grego, que acabou não dando certo.

Apesar das previsões acabrunhadoras, a lei áurea não trouxe a intranqüilidade e o desassossego à vila. Em pouco, a sua população acostumou-se ao fato e intensificou a vida de trabalho. Entretanto, os abastados conservadores – que além de escravos possuíam terras e outros bens materiais – passariam em breve por um novo susto: o advento da república.
_ Entonce exilaro o senhor Dom Pedro II?
_ Devera, coronel, e o tempo no Rio de Janeiro tá quente.
_ Meu Deus, isto acaba mais é de perna-pro-ar...
Ainda uma vez, a inovação – que no fundo era a consciência política da transformação econômica – encontrou acolhimento no espírito do povo, a quem de certo modo não lhe importava que estivesse a governar um homem culto e honrado como o rei filósofo, ou algum político faccioso e demagogo. A vila era o seu mundo. Pequeno mundo cercado pela vastidão das terras, onde chegavam de quando em quando notícias da civilização. Mais nada. (FRANÇA, 1995, p.225-226)

O isolamento da região fez com que ficasse por muitos anos alheia aos acontecimentos na região de São Paulo, Minas Gerais e no litoral, permanecendo assim por longos anos no início

do século XX. Em 04 de abril de 1955, o então candidato à Presidência Juscelino Kubitschek faz um comício na cidade de Jataí e expõe sua intenção em transferir a capital da República para o interior pela primeira vez, fato que é considerado pelos habitantes locais como a inserção do município no cenário político nacional.

O sudoeste, em relação ao sudeste de Goiás, nos primeiros anos do século XX, vivia um “tempo lento”. A vida socioeconômica caminhava no mesmo ritmo dos meios de transportes, em sintonia com o trotar da cavalgadura e com o “cantar” do carro de bois. Mas, mesmo na sua lentidão particular, não se colocava resistente ao novo, ao moderno. Estes eram, porém, os sonhos de uma expressiva parte da sociedade que se formava em Rio Verde, Jataí, Mineiros, Rio Bonito (Caiapônia) e Santa Rita do Paranaíba (Itumbiara), que lança nos mercados mineiro e paulista os bovinos sudoestinos, a duras e penosas viagens. (MELO, 2003, p.42).

DO PASTO À LAVOURA: MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA E TRANSFORMAÇÕES ECONÔMICAS

Após a revolução constitucionalista de 1932 e com as políticas de desenvolvimento da Era Vargas, surgem as condições iniciais para o desenvolvimento da região sudoeste, preparando o terreno para a inserção da agricultura modernizada.

Um primeiro fator promotor de mudanças na realidade regional do Oeste brasileiro desenvolveu-se, ainda nos anos de 1930, com o projeto governamental “Marcha para o Oeste”. Este programa tinha como objetivo ocupar e explorar economicamente esta vasta área, ainda não diretamente integrada ao processo de acumulação e reprodução do capital nos moldes tipicamente capitalistas.

Mediante esses objetivos, o Governo eliminou as barreiras alfandegárias entre os estados e implantou infra-estrutura de transporte e comunicação. Então, o território goiano passou a ser receptáculo do moderno. Isto se materializou em infra-estrutura como a Estrada de Ferro de Goiás e, principalmente, na construção da nova capital do estado, Goiânia, cidade planejada, símbolo do início de uma nova fase para o estado de Goiás. (MELO, 2003 p.64)

Posteriormente, durante o governo JK, a execução de um sistemático plano viário interligou definitivamente a região sudoeste ao restante do país, com destaque à BR 060, ligando o sudoeste a Brasília, a BR 364, ligando o estado de São Paulo ao norte do país, passando por Jataí, a BR 452, ligando Jataí à BR 153, que interliga a capital Goiânia e a nova capital federal ao interior de São Paulo.

O processo de melhoramento das condições técnicas de desenvolvimento econômico, na verdade, estava preparando mudanças mais profundas no sistema produtivo regional nos anos de 1970 e 1980. O conjunto de medidas tomadas desde a década de 1930, associado à política internacional para a agricultura (desenvolvida, sobretudo no pós-guerra) propiciou, nos anos 1970, a implantação da agricultura moderna, entendida como uma agricultura baseada no emprego de maquinários e insumos químicos industrializados para a produção de monoculturas, ou seja, um processo produtivo diferente na forma e também nas relações de produção do sistema agrícola tradicional. (MELO, 2003, p.65)

Oliveira (2007), por meio de um mapeamento detalhado da evolução do uso da terra no município de Jataí, destaca que, em 1967, período que antecede as grandes transformações no campo impulsionadas pela mecanização, a presença da antropização na paisagem já era marcante visto o intenso desenvolvimento de atividades pecuárias. As áreas de cerrado aberto aparecem associadas às pastagens naturais, atividade utilizada para “abertura” das terras do sertão do Paranaíba.

As terras ocupadas com agricultura ocupavam cerca de 1% da área total do município, enquanto as diferentes feições de vegetação nativa (cerrados e mata semi-decidual) ultrapassavam 47% do território jataiense (OLIVEIRA, 2007).

No mapeamento feito para o ano de 1977, Oliveira (2007) enfatiza o predomínio das pastagens, naturais ou não, em mais de 62% da área do município, com incremento de 20,7% em relação ao mapeamento realizado para o ano de 1967.

Esta configuração de uso evidencia que, até o final da década de 1980, as transformações no meio rural ocasionadas pela Revolução Verde e pelos programas de desenvolvimento dos cerrados, especialmente o POLOCENTRO, ainda eram muito restritas. Restritas, mas já davam sinais de que reconfigurariam a forma de produção no campo. De acordo com Oliveira (2007), as áreas de cultivo apresentaram um acréscimo de 817% em relação à década anterior, passando a ocupar 9,5% da área total do município, predominado as lavouras de arroz e milho.

A rizicultura teve um papel marcante no processo de abertura das áreas de cerrado, na medida em que o plantio de arroz precedia a formação dos pastos, em função de sua maior resistência à acidez dos solos e no sentido de aumentar a fixação biológica de nitrogênio, permitindo a substituição do arroz, após 2 ou 3 safras, pelas pastagens cultivadas. De acordo com mesquita (1989), essa prática se difundiu por todo o centro-oeste, levando a produção regional de arroz, em 1980, a representar 1/3 da produção brasileira, com destaque para Goiás, que detinha metade da produção do centro-oeste. (OLIVEIRA, 2007, p.164)

Já as áreas de vegetação natural, em 10 anos, sofrem um decréscimo de 40,4%. Com um olhar mais crítico sobre esses dados, nota-se que a condição fundamental para a implantação da agricultura modernizada foi criada: a “limpeza” das diversas feições de cerrado, mesmo que associadas à pastagens, existentes nos chapadões. Para apresentar maior lucratividade, monoculturas como soja e milho precisam de áreas com declividade baixa, com no máximo 12% de inclinação, permitindo a mecanização e irrigação caso necessário.

Nesse período, um novo personagem surge na cena social e econômica jataiense: o migrante sulista. Este, atraído para o sudoeste goiano pelos baixos preços das terras e diversos incentivos governamentais, principalmente de crédito agrícola, tende a se tornar, nas próximas duas décadas, a nova elite econômica da região. Os antigos posseiros, tratados como “pioneiros” perdem cada vez mais espaço na cena econômica e política regional.

Com o quadro apresentado até aqui, é possível perceber como a incorporação das terras ao sistema produtivo já se processava num ritmo acelerado. Ao que tudo indica, a migração de sulistas para a região (oriundos dos estados de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul), ao longo da década de 1980 (conforme dados da Secretaria de Cultura do Município de Jataí), veio a intensificar o processo de transformação da paisagem, com a ocupação definitiva dos chapadões para a prática da agricultura comercial. Contudo, essas áreas, em sua maioria, já haviam sido abertas anteriormente pela pecuária extensiva, embora os índices de preservação da vegetação nativa tenham decaído significativamente com a mudança para o novo sistema agrário, representado pela cultura intensiva da soja e do milho. (OLIVEIRA, 2007, p. 165)

De acordo com Pedroso (2005), alguns programas específicos de desenvolvimento agrícola implementados no centro-oeste fizeram com que a fronteira agrícola se expandisse para os cerrados, com destaque ao POLOCENTRO (Programa de Desenvolvimento dos Cerrados) e o PRODECER (Programa de Cooperação Nipo-Brasileira para o Desenvolvimento dos Cerrados). Especificamente o POLOCENTRO, criado em 1975 no governo do General Geisel, objetivando o desenvolvimento e a modernização das atividades agropecuárias, exerceu papel fundamental na transformação dos cerrados em grandes empresas rurais. Foram selecionadas áreas específicas para atuação, entre elas a região de Rio Verde e Jataí e, posteriormente, forneceu créditos aos produtores que desejassem investir na exploração agropecuária local altamente subsidiados (GOBBI, 2004 apud PEDROSO, 2005).

Apesar de não terem sido alcançados todos os objetivos, o POLOCENTRO foi de fundamental importância principalmente no estímulo à realização de investimentos produtivos dessas áreas. As liberações de recursos via

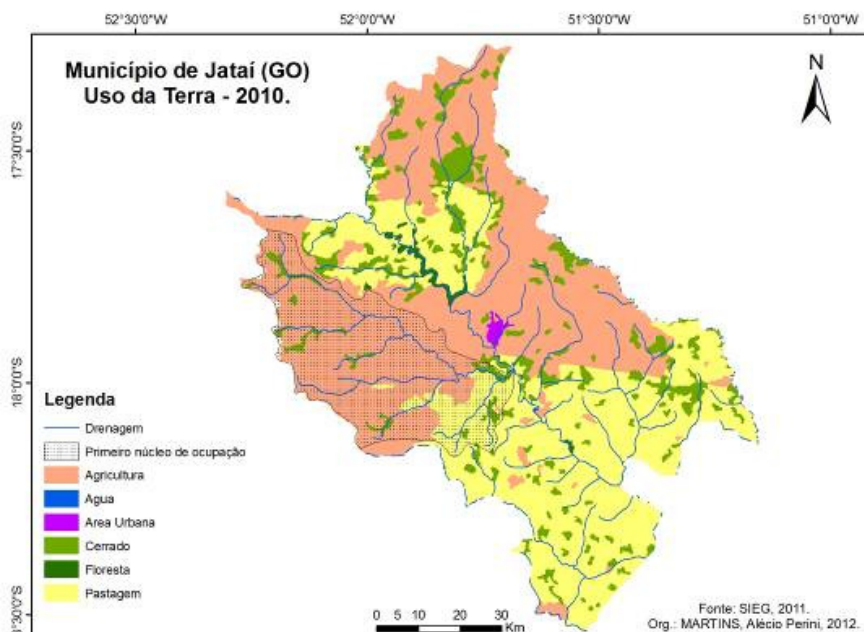
POLOCENTRO ocorreram até 1982. De acordo com Cunha & Mueller (1988), os investimentos efetuados através desse programa atingiram cerca de 250 milhões de dólares, sendo que a maior parte dos investimentos se realizou entre os anos de 1975 e 1979. (TEIXEIRA e HESPANHOL, 2006, p. 60-61).

No mapa de uso da terra do ano de 1997 elaborado por Oliveira (2007) já é possível observar a intensa conversão de áreas de pastagem e cerrado em agricultura impulsionada pelo POLOCENTRO, além da conversão de áreas de mata e cerrado em pastagens em regiões onde a topografia não se mostra favorável à mecanização. As pastagens cultivadas passam a cobrir 57% do território municipal; os remanescentes de cerrado chegam a 8,6% e as áreas cultivadas cobrem 35% do território.

A adoção de espaços pela agricultura é condizente com a política agrícola vigente a partir da década de 1970, que direcionou vultosos recursos financeiros para os agricultores, por meio das instituições oficiais de crédito, ao mesmo tempo em que, por meio da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), dirigiu os esforços de pesquisa para geração de tecnologia apropriada à utilização do cerrado, em especial quanto à superação das restrições químicas dos solos e adaptação de plantas/sementes. Isso permitiu o avanço da agricultura pelos terrenos planos dos chapadões (ainda recobertos com cerrado), francamente favoráveis ao uso intensivo da mecanização. (OLIVEIRA, 2007, p. 175-176).

Atualmente, 37 anos após a implantação do POLOCENTRO, 95% das terras do município encontram-se ocupadas por cultivos agrícolas e pastagens cultivadas, estando as áreas de cerrado e mata restritas às matas ciliares, de galeria e reservas legais. Cerca de 54% do território destina-se à agricultura e 41% às pastagens (mapa 06). Na área correspondente à bacia dos Rios Ariranha e Bom Jardim, primeiro núcleo de ocupação do território, praticamente todos os espaços encontram-se ocupados por lavouras comerciais de soja, milho, sorgo e girassol.

Mapa 06. Uso da Terra no município de Jataí – 2010.



Fonte: Sistema Estadual de Estatística e Informações Geográficas de Goiás – SIEG/2011

Nos últimos quatro anos, o município vem sofrendo um novo processo de transformação econômica no campo com a introdução do plantio da cana-de-açúcar e com a instalação de grandes usinas de biodiesel. Em tese, a cana-de-açúcar deverá ocupar áreas antes destinadas às pastagens, mas em algumas regiões do município já vem competindo com a soja e com o milho por espaços de produção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atual estrutura territorial e econômica brasileira é claramente um resultado cumulativo de todos os ciclos, altos e baixos que a economia nacional transcorreu em séculos de história. No sudoeste goiano, apesar da ocupação tardia em relação aos grandes centros econômicos do país, não foi diferente.

Esta acumulação de tempos pode ser percebida, por exemplo, na contraposição entre a modernidade agrícola trazida pela Revolução Verde e pelo POLOCENTRO e as arcaicas relações políticas, ainda enraizadas na mesma estrutura paternalista do século XIX. Mesmo com o crescimento acelerado dos últimos anos, a cidade de Jataí respira os mesmos ares de interior de mais de 100 anos atrás, quando o isolamento lhe imprimia ritmo próprio.

A cidade conta hoje com infra-estrutura urbana de qualidade, no mesmo nível de outras cidades médias do interior do país; possui um campus da Universidade Federal de Goiás que constitui importante, e único, centro de ensino e pesquisa público da região sudoeste de Goiás; a economia, apesar de baseada no setor primário, apresenta grande dinamização. A vinda de empresas de biodiesel traz novas características às relações de produção, comércio e trabalho; acirra a concorrência e disputa por terras, mercados, política. Divide opiniões populares. Fatores estes, que colocam Jataí entre as 10 cidades mais importantes do Estado.

Mas no campo político, continuam imperando os mesmos vícios coronelistas do final do século XIX, como Basileu Toledo França afirmou em “Os Pioneiros”, época em que “forasteiros” não tinham o direito de concorrer a cargos na administração pública, nem no legislativo. Atualmente, os sulistas dominam o sistema produtivo municipal, juntamente com migrantes de diversas partes do país, mas dificilmente conseguem se eleger para cargos públicos, que continuam sendo ocupados por descendentes dos “Pioneiros” e agregados, que recebem tratamento de “homens de bem”, assim como no romance.

REFERÊNCIAS

- AB’SABER, Aziz N. e COSTA JÚNIOR, Miguel. Contribuição ao estudo do Sudoeste Goiano. **Boletim Paulista de Geografia**, 2(4): 3-26. São Paulo: 1950.
- ESRI - Environmental Systems Research Institute Inc. **ArcGis versão 10**. EUA: Environmental Systems Research Institute, 2011.
- ESTEVAM, Luis. **O tempo da transformação**: Estrutura e dinâmica da formação econômica de Goiás. Goiânia: Ed. do autor, 1998.
- FRANÇA, Basileu Toledo. *Pioneiros*. 4.reimpr. fac-similar da 1.ed. Goiânia: Editora da UFG, 1995 (1954). 344p.(Col. Documentos Goianos, 30).
- GOBBI, W.A.O. Modernização agrícola no cerrado mineiro: os programas governamentais da década de 1970. **Caminhos de Geografia**, v. 9, n. 11, p. 130-149. Disponível em: <http://www.ig.uf.br/caminhos_de_geografia.html>. Acesso em: 29 jul. 2004.
- IBGE. FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. v.36. Goiás. Rio de Janeiro: IBGE, 1958.
- MELO, N. A. **Interação Campo-Cidade**: a (re)organização sócio espacial de Jataí (GO) no período de 1970 a 2000. 179f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Uberlândia, 2003.
- OLIVEIRA, I. J. Dinâmica da ocupação das terras no município de Jataí (GO) e sua relação com o meio físico. **Boletim goiano de Geografia**. p.153-179. Goiânia-GO, V.27, n°.02, 2007.
- PEDROSO, I. L. P. B. Meio ambiente, agroindústria e ocupação dos cerrados: o caso do município de Rio Verde no sudoeste de Goiás. **Revista Uurutágua – revista acadêmica multidisciplinar (CESIN-MT/DCS/UEM)**. Disponível em: <<http://www.urutagua.uem.br/006/06pedroso.htm>>. Acesso em 05 jul. 2012. Maringá – PR, n°. 06 – abril de 2005.
- PESSÔA, V.L.S. **Ação do estado e as transformações agrárias no cerrado das zonas de Paracatu e Alto Paranaíba**. Rio Claro: IGCE/ UNESP, 1988, 239p. (Tese de Doutorado).

SIEG – Sistema Estadual de Estatística e Informações Geográficas de Goiás. **Base cartográfica e mapas temáticos do Estado de Goiás.** Disponível em: <<http://www.sieg.go.gov.br/>>. Acesso em 15 jul. 2012.

TEIXEIRA, J. C.; HESPANHOL, A. N. A região centro-oeste no contexto das mudanças agrícolas ocorridas no período pós-1960. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Três Lagoas – MS.** p. 52-66. Disponível em: <http://www.cptl.ufms.br/revista-geo/jodenir_antonio.pdf>. Acesso em 05 jul. 2012. Três Lagoas – MS, V.1, n.º. 03, ano 03, Maio de 2006.